

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 04 - Título do GT Sociologia da Cultura

**TRANSFORMAÇÕES ESTÉTICAS E IDEOLÓGICAS NA OBRA DE JORGE
AMADO (1933-1958): UMA ANÁLISE DA FIGURA DO TRABALHADOR À LUZ DO
CONCEITO DE ESTRUTURA DE SENTIMENTOS**

Pedro Megid Anunciação¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho encontra-se em estágio inicial de desenvolvimento, ainda em processo de delimitação e definição de seu escopo temático. O objetivo delimitado até o momento é analisar as transformações na obra de Jorge Amado entre os anos de 1933 e 1958, tomando como foco analítico a figura recorrente do trabalhador da fazenda cacau, elemento central em diversos romances do autor. Para isso será adotado o conceito de “estrutura de sentimentos”, proposto por Raymond Williams (1979), como ferramenta analítica às obras de Cacau (1933), São Jorge dos Ilhéus (1944) e Gabriela, Cravo e Canela (1958). A análise da representação do trabalhador do cacau permite compreender o lugar que lhe era atribuído pela militância ao longo do tempo, bem como as idealizações projetadas sobre essa classe, que acompanharam transformações na militância política (Hobsbawm, 1989).

A investigação parte da hipótese de que as mudanças estéticas observadas nesses romances, assim como a posição ocupada pelo trabalhador, refletem transformações mais amplas no comportamento político e ideológico da esquerda brasileira e dialogam com as

¹ Mestrando em Ciências Sociais pela Unesp-FFC, pedro.megid@unesp.br.

demandas de um mercado editorial em constante expansão. Dessa forma, propõe-se uma análise que ultrapasse a perspectiva centrada exclusivamente na figura do autor, buscando compreender os condicionantes históricos e sociais que influenciaram tais inflexões em sua produção literária.

A seleção das três obras justifica-se pelo fato de todas elas representarem, de alguma maneira, a figura do trabalhador do cacau ora como protagonista, ora como personagem secundária, ora como elemento de fundo que, por contraste, provoca reflexões nas demais personagens. Há, contudo, outro motivo que justifica a seleção dessas obras: elas representam diferentes fases da produção literária do autor, para além da óbvia separação cronológica. Não existe consenso em relação a divisão da obra de Amado, porém há alguns pontos em comum entre os intelectuais que se debruçaram sobre a obra do escritor baiano.

Roger Bastide (1972) divide a obra em três grandes ciclos, sendo o primeiro de 1931 até 1935. Esse ciclo é caracterizado por um neo-realismo que não está apenas preocupado em descrever a realidade, mas em transformá-la, convertendo o romance em uma mensagem de ação revolucionária (Bastide, 1972). O segundo ciclo se estende de 1936 até meados da década de 1950, contendo alguns dos maiores sucessos do autor. Segundo o próprio Roger Bastide, podemos defini-lo “como a dialética entre naturalismo, tendendo ao máximo para o documento, digamos mesmo a propaganda política, e a poesia popular (...)” (Bastide, 1972, p. 46). Este foi o período de maior influência do marxismo em sua produção literária. O terceiro e último ciclo, segundo o sociólogo francês, tem início em 1958, marcando o abandono do caráter cru de documento poético presente na fase anterior e trazendo características mais subjetivas aos personagens. Segundo Bastide, a obra de Jorge Amado pode ser dividida em três fases: uma inicial de escrita engajada que retrata o povo baiano como agente de transformação; uma segunda que aprofunda esse engajamento com maior uso de recursos poéticos; e uma terceira em que o foco deixa de ser político e passa a ser uma sátira social que valoriza o povo e ironiza a elite.

Assim como entre o primeiro e o segundo ciclos não há ruptura absoluta e sim aprofundamentos, também entre o segundo e o terceiro ciclos seria fácil estabelecer uma continuidade: o realismo maravilhoso, o romance social, a poesia épica prolongando-se de 1954 até 1970. Mas, surge um elemento novo, o humor, que ainda não aparecera em sua obra, onde até então dominava o drama. A crítica à burguesia vai então assumir uma forma inédita, será a caricatura da pequena classe média saída das grandes famílias decadentes, mas conservando todos os preconceitos de origem, cristalizando-se, contra o povo no qual se acotovela e do qual não pode separar-se a não ser pondo entre ela e este povo o muro o seu

puritanismo hipócrita “convenções” a respeitar e “aparências” a salvar (Bastide, p. 51 e 52, 1972)

Já para Eduardo Portella, em *A Fábula de Cinco Tempos* (1972), aprofunda essa divisão, propondo cinco fases: a da elaboração motivadora, que introduz as temáticas centrais do autor; a da motivação baiana, onde a Bahia e sua pluralidade cultural ganham protagonismo; a da motivação telúrica, ou “ciclo do cacau”, centrada nas questões da terra e suas implicações político-sociais; a da motivação política, mais explicitamente engajada, com foco no PCB, na União Soviética e em figuras como Castro Alves; e, por fim, a da motivação pluridimensional. Para Portella, os quatro primeiros tempos representam mais uma continuidade do que rupturas na trajetória literária do autor. O quinto tempo, o da motivação pluridimensional, seria o tempo em que Jorge Amado dilata o seu universo expressional através da ampliação do horizonte humano e de seus recursos estéticos, ou nas palavras de Portella, o tempo pluridimensional é aquele “onde iremos constatar uma elaboração literária mais solidamente planificada e construída, em função mesma desse propósito e dessa ambição de objetiva transcendência” (Portella, p. 80, 1972). Porém, mesmo com essas separações, as obras ainda se ligam em alguns aspectos, sobretudo com os temas abordados, como o próprio Portella sinaliza:

Gabriela, Cravo e Canela, possuindo tudo o que de mais válido persiste da sua obra anterior, aumenta consideravelmente as fronteiras dessa obra, cria-lhe novas dimensões. Mas há sobretudo uma dilatação do universo temático, um aproveitamento ampliado daqueles elementos motivadores a que nos referimos. É certo que Gabriela Cravo e Canela se liga particularmente a Cacau. O que se verifica sem que deixe de transcender ou de se projetar por além do tempo da motivação telúrica. Já o campo de ação é outro em suas proporções e outras são as suas responsabilidades estruturais. As possíveis imperfeições de composição, logo se diluem e se perdem dentro do poderoso ímpeto criador que funciona sempre como background dessa novelística. (Portella, p. 80 e 81)

Como podemos observar, tanto Bastide quanto Portella entendem a obra de Jorge Amado como um começo que ainda procurava se descobrir, um momento posterior (que representa mais continuidade que ruptura) que seus romances acentuam características políticas. Possuindo, por último, um “tempo” ou “ciclo” de ruptura, em que o autor não romperá com os temas escritos, mas sim ampliará a forma que eles são abordados, trazendo mais subjetividade para seus personagens.

Outro autor que trabalhará com o mesmo panorama é Roberto DaMatta (1997). Com o texto do “Do País do carnaval à carnavalização: o escrito e seus dois brasis” (1997) DaMatta

vai discutir a diferença clara em dois períodos do escritor baiano, um que representa do início com o livro *País do Carnaval* (1931) e outra fase, que seria a da carnavalização de seus personagens, que começa a vigorar a partir de *Gabriela Cravo e Canela* (1958). Para o autor existe uma clara diferença entre uma fase e outra, onde a primeira representa dualismo e maniqueísmo de “bem e mal”, “sim ou não”, “herói ou vilão” e “burguês e proletário”. E a segunda fase, a da carnavalização, os personagens são mais complexos, com biografias contraditórias e questões que extrapolam a moralidade maniqueístas apresentada até então.

Desta perspectiva, se a primeira fase é caracterizada pela linearidade das grandes narrativas no *gran finale* as personagens encontram a luz do Partido Comunista, meio seguro de transformar dialeticamente a realidade e de prover os heróis com uma consciência política mais do que correta, agora não temos mais personagens que dão exemplos e, como modelos de ação, propõe, diretrizes. Realmente, o que agora importa é a relação entre autor, leitor e personagens, que como o próprio carnaval transformam-se num centro dinâmico de motivação e de sentido dentro da narrativa. Na fase carnavalizadora, há um visível abandono dos heróis exemplares sempre pobres, honestos e politicamente corretos por uma súplica de malandros, putas e marginais, cujo credo são relações de amizade e a sabedoria com que enfrentam os exploradores do povo e as durezas da vida diária. Seu partido são seus amigos, sua ideologia é a do amor à vida, sua luta é contra o preconceito burguês (de direita e de esquerda) das elites que pensam que o mundo pode ser resumido numa fórmula ou decidido por meio de um passe de mágica ideológico. (DaMatta, p. 126 e 128, 1997)

Percebe-se que DaMatta, assim como Portella e Bastide, reconhece na obra de Jorge Amado após 58, um avanço estético, caracterizado por uma maior pluralidade e menos dualismo, aspectos que, para ele, representam melhor a essência do povo brasileiro. No entanto, DaMatta se diferencia ao apontar uma causa específica para a grande inflexão na obra do autor: sua saída do PCB em 1956, associando essa ruptura ao uso da carnavalização como estilo e do romance relacional como modelo narrativo. Com base nas análises desses três intelectuais, conclui-se que há diferentes momentos na trajetória literária de Jorge Amado, sendo a principal ruptura identificada em 1958, com a publicação de *Gabriela, Cravo e Canela*, motivada por uma decisão individual de afastar-se do Partido Comunista e adotar perspectivas mais distantes da lógica marxista da luta de classes. A partir disso, propõe-se uma análise da biografia do autor em paralelo com os movimentos políticos de esquerda, especialmente o PCB, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, buscando entender se as mudanças em sua obra — por vezes sutis, por vezes abruptas — correspondem apenas a aspectos biográficos, ou a questões políticas latentes a época, ou até mesmo, uma mudança no mercado editorial brasileiro.

DESENVOLVIMENTO

Jorge Amado nasceu em 1912, em Itabuna (BA), e iniciou sua trajetória literária ainda jovem, tendo publicado sua primeira novela com 17 anos. Em 1930, mudou-se para o Rio de Janeiro, ingressando na Faculdade de Direito e, no ano seguinte, lançou *O País do Carnaval* (1931), romance que buscava representar os flagelos sociais do Brasil em contraposição ao espírito carnavalesco, embora ainda sem clareza estética ou ideológica. Ao longo dos anos 1930, Jorge Amado se aproximou do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o que passou a influenciar diretamente sua produção literária, marcada por um forte engajamento político e social. A relação entre o autor com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi decisiva para consolidar uma literatura voltada à crítica das estruturas sociais e à valorização da classe trabalhadora. Seu engajamento, desde os anos 1930, marca o início de uma fase em que sua ficção se torna instrumento ideológico, alinhando-se às exigências do realismo socialista, cuja diretriz principal era retratar a classe trabalhadora como protagonista heroica contra as opressões do capitalismo. Nesse sentido, sua atuação como escritor não se dissociava da militância política: esteve filiado ao PCB entre 1932 e 1956, período em que atuou como propagandista das ideias comunistas, organizou bibliotecas, traduziu obras alinhadas ao partido, escreveu para periódicos e exerceu mandato de deputado federal entre 1945 e 1948, eleito por São Paulo (Sotana, 2011, p. 105).

Outro fator determinante que podemos colocar é a característica de escrita de Jorge Amado, de misturar sua prosa poética com um documento histórico, narrando acontecimentos e a vida das populações do Nordeste brasileiro. O período que ele começou sua carreira coincidiu com o início da trajetória de Graciliano Ramos e José Lins do Rego, que também tentavam trazer em sua obra essa denúncia das mazelas que a população nordestina sofria em diferentes aspectos. Sodré em seu livro *“Síntese de História da Cultura Brasileira (1970)”*, aponta esse aspecto do que ficou conhecido como “romance nordestino”: “O romance nordestino, particularmente com José Lins do Rego e Jorge Amado, tem deficiências artísticas

e o caráter documentário das denúncias; acontece com ele o que quase sempre acontecem em fases assim: o conteúdo está muito à frente da forma”. (Sodré, 1970, p. 69)

Outro autor que traz essa característica de conteúdo quase de documento é Antônio Candido (1972). Em seu texto *Poesia, Documento e História* ele aponta essa característica dialética entre forma e conteúdo, ou entre poesia e documento, na obra amadiana. Com admiração maior a forma que Sodré, Candido diz:

O Sr. Jorge Amado é um autor entre a prosa e a poesia. Se a sua obra é um movimento dialético entre o documento e a poesia, sua forma é uma confluência desta e da prosa. É um lugar em que se coloca, a igual distancia de ambas, armado com a realidade de uma e o mistério da outra (Candido, 1972)

A forma e o conteúdo da obra de Jorge Amado não podem ser analisada fora do seu engajamento literário e político, que por sua vez, precisa ser compreendido no contexto da trajetória do PCB. Fundado em 1922 sob influência da Revolução Russa e incorporado à Internacional Comunista em 1924. Em um país sem tradição marxista sólida, o partido assimilou um marxismo filtrado pela hermenêutica stalinista, formulado por dirigentes como Octavio Brandão e Astrojildo Pereira (Moraes, 2000, p. 130; 137–138). Na década de 1930, com o avanço do nazifascismo e a consolidação do stalinismo, intensificou-se um “segundo período de bolchevização”, caracterizado pelo dogmatismo e pela repressão a desvios teóricos (Mazzeo, 2000, p. 57). Esse processo moldou a atuação do PCB e influenciou diretamente o campo cultural, refletindo-se na obra de Jorge Amado, que entre os anos 1930 e 1950 incorporou a estética do realismo socialista.

A propósito dessa estética, é importante uma breve conceitualização histórica. O realismo socialista pode ser considerado a forma artística do período stalinista dentro da URSS (Konder, 1967), embora como já visto, se estendeu para os demais PC's do mundo. É unânime entre os pesquisadores que Máximo Gorki foi o principal expoente que inspirou o estilo de arte adotado, sendo personagem central no debate sobre a cultura desde os primeiros momentos da revolução (De Andrade, 2010).

Gorki era migo de Lenin, travava debates com ele, porém sempre esteve ao lado do líder revolucionário para organizar e defender o direito dos escritores e artistas (Konder, 1967). Apesar do vigor de suas convicções revolucionárias, Gorki jamais chegou a se enquadrar na disciplina exigida para a ação político-partidária, nem a se entrosar com a atividade partidária da época stalinista, embora sua concepção de realismo — entendida como

uma mistura de realismo crítico com elementos do romantismo revolucionário e despida de uma roupagem naturalista — tenha se ajustado à lógica stalinista. No I Congresso dos Escritores Soviéticos, em 1934, sua formulação atribuiu maior importância ao termo “socialista” do que ao termo “realismo”, conferindo à estética um caráter voluntarista (Gorki, 1934).

A consolidação do realismo socialista ocorre também nesse congresso, com a intervenção de Zhdanov, que estabelece as tarefas dos escritores e enfatiza o conteúdo político da literatura, entendida como instrumento ligado à consciência de classe. A partir daí, o método deveria representar a realidade à luz da luta pelo socialismo, com uma mentalidade proletária de partido, combinando realismo e romantismo revolucionário. O realismo soviético assume, então, a dupla missão de educar e entreter as massas de maneira simples e acessível, abordando temas ligados à industrialização, à coletivização e à revolução, geralmente por meio de narrativas centradas em um herói positivo (Konder, 1967). Segundo o próprio Zhdanov, ser um escritor representava ser um “engenheiro de alma humanas”, assim, atribuindo um papel central aos escritores e artistas dentro da consolidação do socialismo:

Ser um engenheiro das almas humanas significa ficar com os dois pés plantados na vida real. E isto por sua vez, indica uma ruptura com o romantismo de velho tipo, que retratava uma vida não-existente e heróis não existentes, afastando o leitor dos antagonismos e opressão da vida real e o levando a um mundo do impossível, para um mundo de sonhos utópicos. Nossa literatura, que mantém ambos os pés firmemente plantados em uma base materialista, não pode ser hostil ao romantismo, mas deve ser um romantismo de novo tipo, romantismo revolucionário. Dizemos que o realismo socialista é o método básico da belles lettres soviético e criticismo literário, e isso pressupõe que o romantismo revolucionário deva entrar na criação literária como uma parte componente, de toda a vida de nosso Partido, de toda a vida da classe operária e sua luta consiste em uma combinação do trabalho prático mais austero e sóbrio com o espírito superior de feitos heroicos e magníficas perspectivas futuras. Nosso Partido sempre esteve forte pela virtude do fato que uniu e continua a unir um estilo completamente eficaz e o espírito prático com uma visão ampla, e um constante impulso a avançar, e a luta para construir a sociedade comunista. A literatura soviética deve ser capaz de retratar nossos heróis; deve ser capaz em vislumbrar o nosso amanhã. Isso não será nenhum sonho utópico, pelo nosso amanhã já estar sendo preparado hoje pôr à custa de um trabalho planejado consciente. (Zhdanov, 1934)

Essa forma artística procurou abranger toda a população com formas mais simples para a compreensão da população, porém não se pensou em educar a população para que se fruisse de outras formas e representações artísticas, mesmo com o passar das décadas.

A denúncia dos crimes de Stalin por Nikita Krushev em 1956, durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), conhecida como os Processos

de Moscou, marcou uma virada profunda na esquerda mundial, rompendo a admiração cega pelo Kremlin e abrindo espaço para novas referências políticas. Segundo Hobsbawm (1989), esse processo permitiu que a esquerda internacional se reconfigurasse, incorporando agendas dos movimentos sociais e de identidade, como o feminismo e o movimento negro, em substituição à centralidade exclusiva da luta de classes.

Jorge Amado, que já desconfiava das práticas stalinistas (Amado, 1982), após as denúncias decide sair do partido e abandonar a estética do realismo socialista. Porém, o que em primeira instância aparente ser mais um fator biográfico na vida do escritor baiano, observa-se como uma mudança na estrutura social. Com base no conceito de imaginação sociológica proposto por Wright Mills (Mills, 1969), torna-se possível apreender os condicionantes estruturais subjacentes às trajetórias biográficas dos indivíduos. Nesse sentido, elementos que, à primeira vista, se apresentam como meros acontecimentos pessoais podem, mediante uma análise mais aprofundada, revelar padrões de comportamento social intimamente relacionados às dinâmicas estruturais da sociedade, as quais, por sua vez, exercem influência significativa sobre a constituição da consciência individual.

Para entender como isso se relaciona com o autor podemos analisar brevemente a conjuntura da época. Na segunda metade dos anos 1950, o Brasil passou por transformações sociais, econômicas e culturais que influenciaram diretamente a trajetória de Jorge Amado, demonstrando que suas dúvidas e mudanças ideológicas não foram isoladas, mas fruto de um processo coletivo. Leandro Konder (1999, p. 49) destaca que esse período foi marcado por uma rápida urbanização, novos hábitos culturais trazidos pela televisão e uma crescente inserção da economia brasileira nos fluxos do mercado internacional, o que gerava dilemas inéditos para a esquerda: “que relações o país deveria manter com um mercado mundial dominado por interesses que não os seus?” e “qual seria a gravidade das possíveis distorções geradas por um consumo desenfreado de produtos culturais cosmopolitas?” Esses questionamentos abalavam as certezas políticas tradicionais e levavam muitos militantes a reavaliar suas referências e formas de militância, entre eles Jorge Amado.

Além do contexto ideológico, fatores ligados ao mercado editorial também contribuíram para as mudanças em sua obra. Bastide (1972) já observava que, entre o fim dos anos 1940 e início dos 1950, os livros de Amado apresentavam sinais de declínio em popularidade, coincidindo com uma reconfiguração do mercado editorial brasileiro. Nelson

Werneck Sodré (1970) analisa que, a partir da Guerra Fria, o imperialismo passou a atuar diretamente no setor cultural, com empresas norte-americanas comprando ou subsidiando editoras brasileiras, barateando preços e impondo padrões da indústria cultural — um fenômeno que Sodré define como “dumping iniludível”:

Também na área editorial, o imperialismo está presente: desde o início da chamada “guerra fria”, e particularmente depois de 1964, a compra de editora brasileiras apareceu como novidade; algumas foram realmente vendidas a empresas norte-americanas, enquanto outras recusaram ofertas e receberam propostas, que algumas aceitaram, de funcionarem como subsidiárias, recebendo “ajuda” para determinadas edições que eram assim facilitadas, barateando-se o preço do livro — num mercado onde ele é caro — de sorte a construir um dumping ineludível. (Sodré, 1970, p. 133).

Junto a isso, outras mudanças estruturais — como o crescimento populacional de 30 para mais de 70 milhões entre 1920 e 1960 (Prado Junior 1976) e o avanço econômico apontado por Furtado (1977) — compõem um cenário complexo que ajuda a explicar as inflexões literárias de Jorge Amado para além de sua saída do PCB.

Esses apontamentos de mudanças históricas, ideológicas e no mercado editorial brasileiro podem ser observados ao comparar os romances *Cacau* (1933), *Terras do Sem Fim* (1944) e *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado. A partir dessa análise comparativa, busca-se compreender a essência das transformações sociais, culturais e políticas retratadas nessas obras, levando em consideração o contexto histórico em que foram produzidas. Para tanto, adota-se como referencial teórico metodológico a obra do sociólogo britânico Raymond Williams, cujas contribuições à sociologia da cultura oferecem importantes ferramentas para a presente investigação. Serão mobilizados, especialmente, os conceitos de “estrutura de sentimentos”, que permite captar as dimensões afetivas e subjetivas das experiências sociais representadas nos textos, além de suas reflexões sobre o engajamento político do autor e os limites e possibilidades da liberdade criativa na produção literária.

Nesse sentido, a análise das três obras selecionadas será orientada pela busca de elementos que revelem sentimentos coletivos em formação — tais como esperanças, frustrações, contradições e tensões ideológicas vividas por sujeitos historicamente situados — e que se manifestam de maneira recorrente na figura do trabalhador da lavoura cacaueira. Através da “estrutura de sentimentos”, pretende-se investigar como essas figuras não apenas

espelham uma conjuntura social e política, mas também antecipam ou traduzem processos sociais ainda em transformação, funcionando como registros literários de uma sensibilidade histórica em mutação.

Raymond Williams (1979) desenvolveu o conceito de “estrutura de sentimentos” como uma hipótese cultural que busca compreender como as produções culturais — especialmente a arte e a literatura — expressam experiências coletivas e afetivas de uma época, articulando-se com as transformações sociais, políticas e econômicas em curso. Diferente de uma definição rígida ou acabada, essa estrutura é dinâmica, moldada pelas mudanças históricas e pela vivência subjetiva dos indivíduos, funcionando como uma “estrutura de experiências” em constante formação. Os artistas, nesse contexto, seriam “antenas” sensíveis às atmosferas culturais de seu tempo. Metodologicamente, a estrutura de sentimentos permite captar conteúdos sociais presentes nas obras que não se reduzem apenas a crenças, instituições ou relações explícitas, mas incluem dimensões afetivas e materiais vividas. Com base nesse conceito, este estudo propõe analisar a figura do trabalhador das fazendas de cacau nas obras de Jorge Amado, buscando revelar como seus romances expressam sentimentos emergentes e o engajamento político próprio de uma esquerda em transformação no Brasil do século XX.

Metodologicamente, portanto, uma “estrutura de sentimento” é uma hipótese cultural, derivada na prática de tentativas de compreender esses elementos e suas ligações, numa geração ou período, e que deve sempre retornar, interativamente, a essa evidência. (...). A hipótese tem relevância especial para a arte e literatura, onde o verdadeiro conteúdo social está num número significativo de casos desse tipo presente e afetivo, que não podem ser reduzidos sem perda e sistemas de crença, instituições, ou relações gerais explícitas, embora possa incluir todas essas como vividas e experimentadas, com ou sem tensão, como também inclui elementos da experiência social e material (física ou natural) que podem estar além, ou ser revelados ou imperfeitamente ocultos pelos elementos sistemáticos reconhecíveis em outros pontos. (Williams, 1979, p. 135)

A partir dessa perspectiva é necessário compreender o processo como um todo, aonde as relações ativas e formativas são estruturalmente ligadas. Dessa forma, a análise das obras não deve excluir aspectos essenciais, tais como mercado editorial, recepção do público, conjuntura política e econômica, além da própria posição do autor na sociedade.

Para essa análise se vê necessário, ainda, explicar o caráter da liberdade de escrita do autor e seu engajamento. Essa ressalva se vê necessária uma vez que partimos de uma análise

sociológica e não individualizante. Esse aspecto vale o aprofundamento pois em diversas ocasiões Jorge Amado ressaltou que sair do partido lhe garantia maior liberdade sobre o que é escrito (ex. Cadernos de Literatura 2001; Vox Populi 1984). Esse aspecto, da liberdade do autor versus engajamento político foi bem comum no final dos anos 50 e começo dos anos 60. Em um texto de 1980, incluído posteriormente no livro “Recurso da esperança”, Raymond Williams fala sobre esse período e essa percepção do senso comum. O autor chega à conclusão de que engajamento e liberdade não são opostos, afinal, um indivíduo livre pode escolher se engajar.

Através dessa discussão, Williams mostra que essa ideia de liberdade de criação é uma ideia de liberdade liberal/burguesa clássica. Pois essa liberdade é na real uma liberdade para concorrer ao mercado editorial, e não uma plena liberdade de escrever e publicar o que quer. Esse aspecto é extremamente caro a essa análise, principalmente para fugir de explicações simplistas como se a única causa das inflexões literárias do autor tenha se dado pelo único aspecto de estar ou não engajado com a militância política. Isso se comprova visto que nesse mesmo período -- final dos anos 50 e começo dos anos 60 -- o mercado editorial brasileiro passa por mudanças significativas (Sodré, 1970). Também existe a percepção que a recepção do público de Jorge Amado começa a decair a partir do final dos anos 40 e só voltando a receber melhor sua obra depois de 58, com Gabriela, Cravo e Canela (Bastide, 1972).

Diante das diretrizes apresentadas, este trabalho propõe-se a realizar uma análise dialética da representação do trabalhador do cacau na obra de Jorge Amado. Para tanto, parte-se da observação dos indivíduos enquanto personagens singulares, inserindo-os em um movimento que os eleva ao plano do geral, de modo a compreender como essas figuras literárias se relacionam com a conjuntura social, política e econômica de seu tempo. Serão considerados, nesse processo, aspectos como a recepção das obras pelo público, as intenções autorais subjacentes às suas construções e as condições de publicação. Em seguida, o estudo retorna ao plano do particular, buscando compreender de que maneira essa estrutura dialética contribui para que cada romance apresente características próprias, mesmo quando trata de temas e tipos sociais semelhantes.

CONCLUSÃO

Considerando o estágio atual da pesquisa, as reflexões aqui apresentadas sintetizam os primeiros resultados da revisão bibliográfica e do esforço de delimitação temática. A análise empreendida até este ponto permitiu consolidar a figura do trabalhador da fazenda de cacau como o elemento central para compreender as transformações na trajetória literária de Jorge Amado entre 1933 e 1958. A investigação demonstra que as mudanças estéticas e ideológicas observadas nos romances selecionados não são ocorrências isoladas na biografia do autor, mas reflexos de transformações estruturais na esquerda brasileira e no mercado editorial.

A sistematização das fases da obra de Amado, sob a ótica de intelectuais como Bastide, Portella e DaMatta, evidencia que a publicação de Gabriela, Cravo e Canela em 1958 representa um marco de ruptura fundamental. Esta transição — do realismo socialista e do maniqueísmo militante para uma narrativa mais complexa e "carnavalizada" — coincide com a saída do autor do PCB e com a necessidade de diálogo com um mercado de consumo cultural em expansão.

Para os próximos passos desta investigação, o conceito de estrutura de sentimentos de Raymond Williams mostra-se como a ferramenta analítica mais profícua. Conclui-se que a aplicação desta categoria às obras Cacau(1933) , São Jorge dos Ilhéus(1944) e Gabriela, Cravo e Canela (1958) possibilitará: Apreender as dimensões afetivas e subjetivas da classe trabalhadora que muitas vezes escapam às análises puramente institucionais ou políticas; Identificar como a representação do trabalhador do cacau atua como uma "antena" das tensões e esperanças de uma esquerda em transição no século XX; Articular o engajamento literário do autor com a realidade material da produção e recepção das obras, fugindo de explicações simplistas sobre a liberdade criativa.

Em suma, embora em fase inicial, a pesquisa aponta para a relevância de uma análise dialética que coloca o texto literário em seu contexto histórico. A figura do trabalhador rural, ao transitar entre o protagonismo heroico e a complexidade subjetiva, revela-se um registro privilegiado das mutações na sensibilidade social e política brasileira do período estudado.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Cacau. Rio de Janeiro: Record, 2000.

AMADO, Jorge. Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior. Rio de Janeiro: Record, 1958.

AMADO, Jorge. Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei / Jorge Amado; ilustrações de Anna Letycia. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

AMADO, Jorge. São Jorge dos Ilhéus. Rio de Janeiro: Record, 1944.

BASTIDE, Roger. Sobre o romancista Jorge Amado. In: Jorge Amado: povo e terra 40 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1972.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. Poesia, documento e história. In: Jorge Amado: povo e terra 40 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1972.

DAMATTA, Roberto. Do País do Carnaval à carnavalização. Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, p. 119-131, 1997.

DE ANDRADE, Homero Freitas. O realismo socialista e suas (in) definições. Literatura e sociedade, v. 15, n. 13, p. 152-165, 2010.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

GORKI, M. *OO Realismo Socialista: Estilo Revolucionário da Literatura e das Artes .<https://www.marxists.org/org/portugues/gorki/1934/mes/realismo.htm>. Acesso em 11/12/2024

JÚNIOR, Caio Prado. História econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1976.

KONDER, Leandro. As idéias socialistas no Brasil. 1995.

MAZZEO, Antonio Carlos. Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

MILLS, Wright C. A imaginação sociológica. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

PORTELLA, Eduardo. A fábula de cinco tempos. In: Jorge Amado: povo e terra 40 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1972.

SODRÉ, Nelson Werneck. Síntese de história da cultura brasileira. São Paulo: Difel, 1970.

SOTANA, Edvaldo Correa. O engajamento intelectual de Jorge Amado: aspectos da militância comunista e repressão em “tempos de experiencia democrática”. In RODRIGUES, Candido Moreira; BARBOSA, Jefferson Rofrigues (Orgs.). Intelectuais & comunismo no Brasil (1920-1950): Gustavo Barroso Plínio Salgado Alceu Amoroso Lima Jorge Amado Miguel Costa, 2011.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo / Raymond Williams; editado por Robin Gable; introdução de Robin Blackburn; tradução de Nair Fonseca, João Alexandre Peschanski. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ZHDANOV, Andrei. Soviet Literature - Richest in Ideas, Most Advanced Literature. In: Gorky, Radek, Bukharin, Jdanov and others “Soviet Writers’ Congress 1934”, Lawrence & Wishart, 1977. Transcribed by Jose Braz, Andy Blunden and Hasan. Oline version. Disponível em: https://www.marxists.org/subject/art/lit_crit/sovietwritercongress/index.htm. Acesso em: 03 de Setembro de 2024